

DEPRESSÃO EM *PONCIÁ VICÊNCIO*: ASPECTOS PSICOPATOLÓGICOS E A CRÍTICA PÓS-COLONIAL**DEPRESSION IN *PONCIÁ VICÊNCIO*: PSYCHOPATHOLOGICAL ASPECTS AND POSTCOLONIAL CRITIQUE****DEPRESIÓN EN *PONCIÁ VICÊNCIO*: ASPECTOS PSICOPATOLÓGICOS Y LA CRÍTICA POSCOLONIAL**

10.56238/revgeov17n3-165

Ludimila Silva de Almeida

Doutoranda em Estudos Literários

Instituição: Universidade Federal do Piauí (UFPI)

E-mail: Ludmilasilvadealmeida75@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-4494-2960>Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3841039927366685>**Naiara Sales Araújo**

Doutora em Literatura Comparada

Instituição: Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

E-mail: Naiara.sas@ufma.br

Orcid: orcid.org/0000-0002-9362-559XLattes: <http://lattes.cnpq.br/6546941294458117>**RESUMO**

Propomos analisar a obra *Ponciá Vicêncio* (2021), de Conceição Evaristo, a partir dos aspectos psicopatológicos no cenário pós-abolicionista em suas eras iniciais. Consideramos, neste estudo, a estrutura social, econômica, familiar e a crítica pós-colonial radicada nos estudos psicanalíticos para compreender que situações do contexto pós-abolicionista foram favoráveis para o agravamento da condição depressiva de Ponciá. Nos respaldamos nos estudos teóricos de Frantz Fanon (2020), a respeito da dimensão psicopatológica atribuída aos sujeitos de cor diante do contato colonial e sua extensão no contexto pós-colonial, Tatossian (2006) e Cardinalli (2012) para verificar a forma que a depressão se manifesta no sujeito literário, além de Hall (2023) e Cesáire (2020) para levantar uma crítica à estrutura pós-colonial. Portanto, se Ponciá é imersa em um estado depressivo que já era percebido em seu avô, isto ocorre devido à desorganização das sociedades pós-coloniais da época. À vista disso, este trabalho está dividido em dois momentos: primeiro, verificamos como a literatura retratou o caráter do sujeito depressivo, e após, analisaremos a maneira como a depressão de Ponciá se consolidou diante do contexto pós-colonial.

Palavras-chave: Depressão. *Ponciá Vicêncio*. Literatura. Psicopatologia.

ABSTRACT

We propose to analyze the work *Ponciá Vicêncio* (2021), by Conceição Evaristo, from the perspective of psychopathological aspects within the early post-abolitionist context. In this study, we consider the



social, economic, and family structure, as well as the postcolonial critique grounded in psychoanalytic studies, in order to understand which circumstances of the post-abolitionist context contributed to the worsening of Ponciá's depressive condition. Our analysis is supported by the theoretical studies of Frantz Fanon (2020), regarding the psychopathological dimension attributed to people of color in the face of colonial contact and its extension into the postcolonial context; Tatossian (2006) and Cardinalli (2012), to examine how depression manifests in the literary subject; as well as Hall (2023) and Césaire (2020), to develop a critique of the postcolonial structure. Therefore, if Ponciá is immersed in a depressive state that was already observed in her grandfather, this occurs due to the disorganization of postcolonial societies of that period. In light of this, the present work is divided into two parts: first, we examine how literature has portrayed the character of the depressive subject; then, we analyze how Ponciá's depression is consolidated within the postcolonial context.

Keywords: Depression. *Ponciá Vicêncio*. Literature. Psychopathology.

RESUMEN

Proponemos analizar la obra *Ponciá Vicêncio* (2021), de Conceição Evaristo, a partir de los aspectos psicopatológicos en el escenario posabolucionista en sus etapas iniciales. Consideramos, en este estudio, la estructura social, económica y familiar, así como la crítica poscolonial arraigada en los estudios psicoanalíticos, con el fin de comprender qué situaciones del contexto posabolucionista fueron favorables para el agravamiento de la condición depresiva de Ponciá. Nos apoyamos en los estudios teóricos de Frantz Fanon (2020), acerca de la dimensión psicopatológica atribuida a los sujetos de color frente al contacto colonial y su extensión en el contexto poscolonial; en Tatossian (2006) y Cardinalli (2012), para verificar la forma en que la depresión se manifiesta en el sujeto literario; además de Hall (2023) y Césaire (2020), para plantear una crítica a la estructura poscolonial. Por lo tanto, si Ponciá está inmersa en un estado depresivo que ya se percibía en su abuelo, esto ocurre debido a la desorganización de las sociedades poscoloniales de la época. A la vista de ello, este trabajo se divide en dos momentos: primero, examinamos cómo la literatura ha retratado el carácter del sujeto depresivo y, posteriormente, analizamos la manera en que la depresión de Ponciá se consolidó frente al contexto poscolonial.

Palabras clave: Depresión. *Ponciá Vicêncio*. Literatura. Psicopatología.



1 INTRODUÇÃO

Ao analisarmos o cenário inicial do período pós-colonial, observamos uma estrutura política e econômica ainda marcada por desigualdades, especialmente no que diz respeito às políticas fundiárias e às legislações trabalhistas. Essas lacunas estruturais deixaram marcas indeléveis no campo cultural, religioso e, sobretudo, na dimensão psicoexistencial dos indivíduos anteriormente escravizados.

Neste contexto, destacamos o trauma colonial como um elemento central no desencadeamento de distúrbios psicológicos, como a depressão no sujeito negro em meio à estrutura pós-escravagista. Para explorar esse tema, investigaremos a obra *Ponciá Vicêncio* (2021), de Conceição Evaristo, com foco na depressão vivenciada pela protagonista, Ponciá, como reflexo dos impactos psíquicos do complexo existencial negro nesse período.

A narrativa apresenta a trajetória de Ponciá Vicêncio, desde a infância à vida adulta, uma mulher negra, filha de pais ex-escravizados, que tenta mudar de vida na cidade. Em terceira pessoa, o romance apresenta a infância da personagem com a família na Vila Vicêncio, onde o pai e o irmão trabalham na lavoura familiar e nas fazendas dos homens brancos, e a mãe e filha produzem artefatos com barro e artesanato. É durante a sua infância que Ponciá produz uma estátua do falecido avô Vicêncio, que havia ficado louco e teve o braço decapitado por ter matado a sua esposa numa tentativa de salva-la da escravização. Tal fato assusta a sua mãe pois a neta havia tido pouco contato com o avô, somente quando bebê, entretanto, além de fazer uma estátua vivia a imitar os seus modos de andar.

Depois da morte do pai, Ponciá migra para a cidade na tentativa de uma vida melhor – acreditava que por saber ler e escrever a vida lhe reservaria bons frutos – contudo, ao chegar na cidade passa a noite na frente de uma igreja junto a outros mendigos e somente no outro dia consegue emprego como empregada doméstica. Após juntar suas economias e comprar um barraco, volta à Vila para buscar a mãe e o irmão, todavia, Luandi também foi para a cidade pouco depois da irmã e sua mãe, Maria Vicêncio, vivia a andar pelas outras Vilas a sua procura. Ao regressar, se apaixona, casa e se desilude com seu casamento, o que leva ambos a viverem frustrados. Passa a sofrer diversos abortos e agressões por parte de seu marido que não entende a sua condição, agora, melancólica.

Tal condição é agravada por eventos como a separação de sua família ao migrar para a cidade em busca de uma vida melhor, um casamento frustrado, repleto de violência, e as sucessivas decepções diante da realidade urbana para a mulher negra, que só encontra trabalho como doméstica. Mesmo após reencontrar a mãe e o irmão, que também se desilude com a cidade, Ponciá não encontra alívio para a depressão, o que já havia sido confirmada por Nêngua Kainda, de que a herança que Ponciá recebeu de seu avô seria a extensão de sua condição sucumbida pela realidade do negro, agora, no cenário pós-colonial.

Frantz Fanon, em sua emblemática obra *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2020), aprofunda-se na problemática da condição pós-colonial, com destaque para os desvios psicoexistenciais que



emergem das tensões entre as raças do colono e do colonizado. Segundo Fanon, esses desvios resultam, em grande medida, da violência que permeou o encontro entre Ocidente e Oriente. O sexto capítulo da obra, intitulado “O Negro e a Psicopatologia,” oferece uma base essencial para compreender as questões psicanalíticas relativas à construção psicológica de negro no cenário pós-colonial. Para enriquecer nossa análise, recorreremos ainda aos estudos de Cardinalli (2012) e Tatossian (2006) para investigar a condição depressiva de Ponciá, além das reflexões de Aimé Césaire (2020) e Stuart Hall (2023) acerca das problemáticas coloniais e pós-coloniais em sociedades contemporâneas, moldadas pelo capitalismo.

Dada a escassez de estudos psicopatológicos voltados à experiência do colonizado, este trabalho busca contribuir para o debate, explorando os fatores catalisadores que fomentaram os desvios psicoexistenciais, especificamente a depressão de Ponciá. Essa condição emerge em paralelo ao peso simbólico de sua herança psicológica radicada na figura de seu avô e às complexas relações estabelecidas no ambiente urbano, revelando as cicatrizes deixadas pelo sistema pós-colonial.

2 A PSICOPATOLOGIA E SUA REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA NA CONDIÇÃO DEPRESSIVA DO NEGRO

A representação dos efeitos psicológicos advindos do trauma é um tema que a cada dia ganha mais espaço na literatura hodierna. Tal reprodução consiste em propor reflexões sobre os fatos ali ocorridos, de como o sujeito irá se comportar diante da cena traumática e implicações que, posteriormente, irão modificar a sua forma de lidar com o que é vivido no presente, principalmente a partir de alterações no tempo, espaço e nas relações subjetivas/intersubjetivas, as quais são resultados de alterações mentais no campo do (in)consciente, sobre situações que serão revisitadas neste inconsciente do personagem.

Miguel de Cervantes, em sua obra *Dom Quixote* (1978), já destacava os impactos psicológicos associados às construções narrativas e suas consequências sobre o indivíduo. O enredo, centrado na trajetória do idealista e justo Dom Quixote de La Mancha, narra uma vida de aventuras moldada pelo excesso de leituras de romances de cavalaria. No entanto, essa trajetória se desestabiliza no momento em que o protagonista se conscientiza de sua verdadeira condição enquanto ser no mundo. Nesse instante, emerge um sujeito esvaziado de desejos, cujo esgotamento culmina em um estado de melancolia, revelando a complexidade existencial que permeia a narrativa.

Da mesma forma, Conceição Evaristo, em *Ponciá Vicêncio* (2021), aborda a situação melancólica do ser, a partir de sua relação consigo e com o outro. A narrativa consiste em abordar a trajetória e desencantamentos da personagem Ponciá, desde a infância à vida adulta, ao passo que se encontra radicada na herança de seu avô Vicêncio. Esta, assim como Quixote, ao dar conta da situação



sobre si no espaço vivido, é lançada a uma condição esvaziada e apática, em virtude de compreender as impressões que o mundo causa sobre si e, conseqüentemente, a sua condição enquanto Ser.

Enquanto Quixote almejava criar e instaurar um mundo mais justo e idealizado, movido por seus sonhos de cavalaria e heroísmo, “para proveito da república [...] desfazendo todo gênero de agravos” (Cervantes, 1978, p. 30), Ponciá, por outro lado, revela o desejo mais simples e ao mesmo tempo profundo de habitar verdadeiramente o espaço que lhe é dado, pois “acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova” (Evaristo, 2021, p. 30). Seu anseio não é pela criação de um novo mundo, mas pela possibilidade de existir e pertencer plenamente ao lugar onde vive, apesar das dificuldades e limitações que esse mundo lhe impõe.

Contudo, o que distancia a posição de ambos é a condição em que estes se encontram diante do espaço vivido e a sua relação com o trauma. Diferente de Dom Quixote, Ponciá não tinha títulos ou pertencimento à nobreza da época. Isso porque a condição de ex-escravizados no cenário inicial de pós-abolição ainda sofria controvérsias. Tais dualidades implicaram na perda de seus sonhos, assim como as várias partidas a levaram para um estado depressivo.

Nessa perspectiva, considerar narrativas que abordam a condição psicológica do ser após a abolição, como *Ponciá Vicêncio*, pode ser uma forma de explorar os desvios existenciais da condição humana, particularmente no contexto da experiência negra (Fanon, 2020). E, agora, atribui-se um novo significado à condição do sujeito em relação à vivência da realidade colonial.

É nesse campo que os estudos pós-coloniais urgem com um pensamento epistêmico para pensar descolonialmente no que se tange aos efeitos catárticos não somente do contexto colonial, como também do pós-colonial, considerando as narrativas sobre o Outro, a fim de desconstruir e “perturbar as relações estabelecidas de dominação e resistência inscritas em outras narrativas e formas de vida” (Hall, 2023, p. 106). A teoria pós-colonial, destarte, caracteriza-se por criticar as dinâmicas de dominação impostas pelas metrópoles e grandes potências mundiais no contato com os países africanos.

Em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2020), Fanon apresenta a ideia da “zona do não-ser” um espaço simbólico onde, sob a imposição de representações sobre o Ser e o Saber, o Outro deixa de ser uma extensão do Eu nas sociedades coloniais. O título da obra, no contexto anticolonial, sugere a necessidade de remover a “máscara branca” do Ocidente como um passo essencial para superar os efeitos do racismo e da colonização. Em *Ponciá Vicêncio*, a exemplo, esta máscara encarcera negros sob amarras econômicas, sociais, culturais e se manifesta tão ou quase nefasta quanto a situação escravocrata, pois estes sujeitos encontram-se encurralados sob uma nova forma de dominação e submissão.

A obra de Fanon, que é um recorte da tese de doutorado em Psiquiatria é fundamental para entender questões psicoexistenciais no contexto colonial e pós-colonial, foi recusada não somente pela



banca examinadora, como também foi considerada ofensiva à sociedade ocidental, isso devido ao fato de ter sido engajado em muitos movimentos sociais, como o da negritude (Faustino, 2018), que surgiu a partir de um grupo de estudantes de países colonizados na França, e que se mobilizavam culturalmente a fim de valorizar a cultura negra e condenar o racismo e o imperialismo.

Faustino ressalta que Fanon teve influência de fontes marxistas e desempenhou o papel de cabo eleitoral de Aimé Césaire, candidato pelo Partido Comunista à prefeitura da Martinica em 1945, sua terra natal, localizada nas Antilhas. Césaire, reconhecido como um importante teórico pós-colonial e figura central nos movimentos anticoloniais na França, assim como Fanon, criticou severamente a Europa por sua incapacidade de resolver o "problema colonial" criado por suas próprias ações.

No sexto capítulo de *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2020), intitulado “O Negro e a Psicopatologia”, Fanon examina a dimensão psicológica das interações entre as raças branca e negra, com ênfase na complexidade psicoexistencial vivida pelo sujeito colonizado. Ou seja, o caráter da psicopatologia aqui assume a concepção das alterações psicológicas, suas causas e sintomas, principalmente no horizonte da alteração destas atividades no negro, a partir do contato com o mundo do colono. Nesse sentido, a psicanálise

[...] busca compreender determinados comportamentos – no interior do grupo específico que a família representa. E, quando se trata de uma neurose vivenciada por um adulto, a tarefa do analista é encontrar, na nova estrutura psíquica, uma analogia com alguns elementos infantis, uma repetição, uma cópia dos conflitos surgidos no seio da constelação familiar (Fanon, 2020, p. 157).

De acordo com o psicanalista, a família europeia colonial pode ser compreendida como uma projeção da sociedade, em que os valores familiares e nacionais estão profundamente interligados, sem distinções significativas entre ambos. Em contrapartida, nas famílias africanas, o Ser é concebido como uma representação das relações intersubjetivas do sujeito com o espaço vivido. Nesse contexto, a família é tanto um objeto quanto uma circunstância psíquica, e as neuroses manifestadas na fase adulta estão diretamente relacionadas às experiências vividas no núcleo familiar durante a infância. Como verificado pela literatura no caso de Ponciá, estas neuroses na fase infantil são previamente ativadas pela herança simbólica do avô – o distúrbio advindo da colonização – pois ela ouvia desde pequena “os parentes dizer que o avô tinha deixado uma herança para ela” (Evaristo, 2021, p. 50). No caso da solidificação desta herança, a depressão na fase adulta é agravada, portanto, pelas circunstâncias neocoloniais da cidade.

Fanon destaca que, em sociedades coloniais, crianças negras eram consideradas "anormais" ao menor contato com o mundo do homem branco. Isso ocorre, segundo o autor, devido à maneira como o sujeito negro é inserido no contexto colonial. A demonização e a subcategorização da figura do escravizado, impostas desde a infância, geram uma neurose que, na fase adulta, manifesta-se como



uma dificuldade de apreender o mundo ao seu redor. Essa condição é marcada por uma complexidade psicoexistencial estabelecida desde os primeiros anos de vida. Isto é, tal como elucida Fanon, é na cidade – local onde Ponciá mantêm relações diretas com o mundo branco – que os desvios psicopatológicos irão ser avivados.

Não podemos ignorar, porém, que crianças negras escravizadas sofreram violências no âmbito discursivo, mas também físico. No primeiro capítulo de *Mulheres, Classe e Raça*, Angela Davis (2016) aborda a questão do comércio de escravizados, destacando o papel das mulheres nesse sistema. Segundo a autora, mulheres capazes de gerar até quatorze filhos eram consideradas extremamente valiosas, pois contribuía significativamente para a manutenção do fluxo e da circulação de escravizados no mercado. Davis ressalta ainda que crianças eram tratadas como mercadorias, podendo ser vendidas em qualquer idade, sendo comparadas a outros "animais."

A autora argumenta que os traumas vividos por pessoas negras na infância eram tão prejudiciais quanto aqueles enfrentados na vida adulta. Dentro da estrutura colonial, o tratamento cruel de crianças no comércio de escravizados não diferia significativamente da violência dirigida aos adultos. Assim, o desvio psicoexistencial resultava da hostilidade tanto no campo discursivo quanto no físico, manifestando-se em todas as fases da vida.

Dentre os efeitos psicopatológicos observados em sujeitos racializados no contato com o colonizador, destaca-se a depressão como um impacto psíquico significativo decorrente do trauma colonial, capaz de alterar profundamente sua relação com o tempo e o espaço. Para abordar essa condição, Tatossian (2006) publicou a obra *Fenomenologia das Psicoses*, na qual utiliza termos como depressão, melancolia e tristeza para descrever a experiência depressiva. Contudo, o autor ressalta que o termo mais adequado para abarcar essa condição é "depressão melancólica."

Segundo Tatossian, a palavra "tristeza" é insuficiente para descrever a profundidade da experiência melancólica, pois representa apenas uma consequência do quadro depressivo. Nesse sentido, a tristeza é empregada como uma metáfora, enquanto os termos "melancolia" ou "depressão melancólica" são considerados mais precisos para caracterizar essa condição.

Na literatura, termos como "melancolia" têm sido utilizados para descrever a condição depressiva no âmbito da psicopatologia, abrangendo diversas situações que refletem a complexidade dessa experiência. Para a psicóloga Elizabeth Ida Cardinalli (2012) os melancólicos “não experienciam o tempo 'como uma energia propulsiva', mas o sentem como um refluxo da corrente temporal. Desse modo, para esses pacientes, o futuro é percebido como bloqueado; sua atenção se dirige ao passado e o presente é sentido como estancado (p. 30)”.

De acordo com a autora, o tempo é representado de maneira desordenada e fragmentada. Quando ocorre um retorno ao passado, o período colonial surge como um elemento catalisador para o avivamento de memórias que sustentam a condição depressiva do sujeito negro. Nesse contexto,



emerge a questão da subcategorização do inconsciente, característica fundamental da experiência do colonizado. Para que um evento seja revisitado no inconsciente, é necessário que haja uma substantivação plena do vivido. Contudo, conforme elucidam os estudos psicopatológicos de Frantz Fanon, “como o drama racial acontece a céu aberto, o negro não tem tempo de inconscientizar” (2020, p. 165).

O drama racial, portanto, pode ser considerado um evento imediatamente perceptível. No entanto, há situações que assumem um caráter singular na psique do colonizado. Um exemplo pode ser observado no conto *A Escrava*, de Maria Firmina dos Reis (2019), originalmente publicado na segunda metade do século XIX. Na narrativa, Joana, uma mulher escravizada, enfrenta inúmeras adversidades, mas é a venda de seus filhos para o tráfico negreiro que redefine profundamente sua maneira de lidar com as experiências traumáticas do passado.

A subcategorização do inconsciente, nesse sentido, não pode ser ignorada, especialmente devido à forma violenta como os castigos eram infligidos. Contudo, certas experiências traumáticas específicas tornam-se marcantes e são constantemente revisitadas no presente. Como observa Cardinalli (2012), esses traumas podem inibir o sujeito de projetar um futuro a partir de sentimentos negativos e apreensões em relação ao mundo externo, que resultam em quadros de neurose.

O tempo, como categoria, assume um papel peculiar em situações depressivas. A autora destaca a impossibilidade de o sujeito agir no presente, dado os impulsos que o levam a retornar constantemente ao passado. Nessa condição, o indivíduo encontra-se imobilizado, incapaz de se reconectar com o presente, resultando em uma perda de si mesmo. Não há possibilidade de existência fora do momento traumático revisitado, que se configura como um fragmento isolado do tempo. Tatossian (2006) também explora essa questão, enfatizando a perda de si como uma característica central dos quadros depressivos.

A angústia melancólica não é um vivido afetivo, mas uma essência transcendental, o estilo da perda, perda de todo objeto, mas também numa correlação rigorosa da perda de Si, como vazio de toda afetividade e de todo pensamento, “existência no vazio” no sentido de Von Gebattel. Como perda da experiência natural que comporta os objetos e um Si, ela é um outro tipo de experiência e não tem nada a ver com a angústia psicológica. (Tatossian, 2006, p. 169).

Em outras palavras, a experiência transcendental da perda de algo é ao mesmo tempo a perda de Si, e implica na nova forma que o Ser irá se estabelecer posteriormente: apático e descolado de sua realidade presente. A força do inconsciente, desta maneira, parece não permitir uma compreensão da realidade exterior àquele momento. É aí que ocorre a perda de Si, já que o Eu é esquecido e o que ganha força é a memória que ocorreu antes e se solidificou.

A ausência de Si é um dos vários fatores que atingem não somente o psicológico, como também o físico do sujeito depressivo. (Méndez; Olivares; Ros 2005) destacam ainda a diminuição do



comportamento adaptativo, alterações no apetite e sono, sentimento de culpa, dificuldade em se concentrar, ideias de suicídio, tentativas, ou o próprio suicídio, a exemplo, a personagem Ponciá Vicêncio à medida que se aprofunda em sua condição, apresenta distúrbios alimentares, como a sensação de ao comer não sentir gosto de nada e ser representada pelos outros como “morta-viva” (Evaristo, 2021, p. 30).

São inúmeras, portanto, as consequências advindas de uma situação traumática, que acarretando em um quadro depressivo no sujeito, implica em severas consequências no campo do psíquico e físico. Procuramos esclarecer, no próximo tópico, a maneira como a autora Conceição Evaristo (2021), em sua prestigiosa obra, *Ponciá Vicêncio*, aborda a condição depressiva de Ponciá diante da situação pós-colonial, e a forma como as reações subjetivas e intersubjetivas implicam na personagem momentos traumáticos.

3 DEPRESSÃO EM PONCIÁ VICÊNCIO

Maria da Conceição Evaristo de Brito inicia sua trajetória literária na segunda metade do século XX e se destaca como autora de diversos romances, entre eles, *Ponciá Vicêncio*, publicado originalmente em 2003. A narrativa é dedicada às irmãs, à mãe e à filha da escritora, e essa dedicatória sugere as inúmeras dificuldades enfrentadas por Evaristo em sua formação, bem como no percurso para consolidar sua carreira literária. Entre esses desafios estão as adversidades políticas relacionadas ao ato de mulheres escreverem e o restrito espaço disponível no mercado editorial para a publicação e circulação de obras de autoria feminina.

A autora enfatiza que a primeira edição de *Ponciá Vicêncio* foi financiada integralmente por ela mesma, contando com o encorajamento da professora Maria José Somelarte Barbosa. Desde então, o romance tornou-se um sucesso nacional, já passou por diversas edições e atualmente está disponível em várias línguas.

O êxito da obra reside, principalmente, na maneira como retrata as experiências de Ponciá e sua relação com a ancestralidade e o presente (Pereira, 2024). Um aspecto crucial para compreender a profundidade da narrativa é a análise dos efeitos do colonialismo, tanto sobre o psicológico dos negros que vivenciaram diretamente essa experiência quanto sobre aqueles que ainda enfrentam seus impactos em contextos pós-coloniais. Esses elementos conferem à obra um valor universal, ao mesmo tempo em que realçam a singularidade das vivências afro-brasileiras.

A narradora em terceira pessoa inicia a obra destacando que a personagem Ponciá nasceu livre, sendo filha de ex-escravizados que receberam as terras da Vila Vicêncio como suas para residir, plantar e colher, desde que dividissem as suas colheitas particulares e trabalhassem nas terras de seus antigos senhores sem receber nada além das terras como via de troca pelo serviço prestado. Dentre muitas consequências, os pais e filhos tinham pouco tempo para manter contato com suas famílias, já que



passavam longas jornadas de trabalho nas fazendas. Por este motivo, Ponciá se muda para a cidade almejando um futuro melhor, assim como seu irmão, Luandi. Entretanto, ambos se desiludem e decidem voltar para a Vila. A filha, contudo, após diversas decepções, passa a viver num estado depressivo, que é interpretado pelos personagens como a herança deixada pelo avô, ou melhor, a extensão do peso colonial no psíquico dos povos colonizados. Esta, mesmo após realizar o desejo de voltar para a Vila Vicêncio, não se cura da depressão.

A narrativa convida o leitor para o cenário de pós-abolição em suas eras iniciais. Isso porque o processo de colonização é algo vivido por duas figuras significativas na narrativa: seu avô e seu pai, além do fato de ex-escravizados da Vila Vicêncio carregarem o sobrenome de coronéis que concediam faixas territoriais para moradia destes povos. O cenário pós-colonial deste período ainda sofria contrariedades. É o que destaca Aimé Cesáire (2020), em sua obra *Discurso sobre o Colonialismo*, ao elucidar que a distância da colonização à civilização era infinita. Parece ser o caso da visão de Ponciá sobre o período e acerca da situação a qual se encontrava no campo, e depois na cidade.

Ainda durante a infância, seus pais já percebiam a semelhança de Ponciá com o avô, isso pelo motivo de que, ainda na fase de engatilhar, “andava com um dos braços escondido às costas, e tinha a mãozinha fechada como se fosse cotó” (Evaristo, 2020, p. 16). Esta imitação é um dos sinais que já assinalavam para a herança que o avô deixou para a menina e que algum dia iria se consolidar, a absorção de uma condição depressiva que, assim como o Vô Vicêncio, que enlouqueceu devido às experiências nefastas do cenário colonial, não será capaz de vivenciar um futuro fraterno no cenário pós-colonial ainda conturbado.

Nas primeiras vezes que Ponciá Vicêncio sentiu o vazio na cabeça, quando voltou a si, ficou atordoada. O que tinha acontecido? Quanto tempo tinha ficado naquele estado? Tentou relembrar os fatos e não sabia como tudo se dera. Sabia, apenas, que de uma hora para outra, era como se um buraco abrisse em si própria, formando uma grande fenda, dentro e for dela, um vácuo, com o qual ela se confundia (Evaristo, 2021, p. 40).

A personagem, agora, com a herança se solidificando, experiencia o tempo de maneira desordenada e fragmentada, pois é impulsionada a uma “fenda” um hiato entre a realidade presente e a psíquica. Como revela Cardinalli (2012), no momento em que começa a fomentação do distúrbio em Ponciá, esta irá não apenas ter uma perda de si, como também não será capaz de obter projeções futuras na cidade, já que se frustrou. O seu inconsciente, portanto, sofre bloqueios temporais a permitindo se descolar do fardo de sua realidade já que o tempo passa e ela permanece desprendida do real.

Como elucidado acima, a semelhança da neta com o avô é uma tática que Conceição Evaristo utiliza para demonstrar que a dimensão psicopatológica de sujeitos que experienciaram o contato colonial não pode ser curada apenas com a abolição da escravatura. A exemplo, ao Ponciá retornar para a Vila em busca da mãe e do irmão, encontra o boneco de barro que fez do avô e tem a sensação de



que “Vô Vicêncio olhava para ela como se estivesse perguntando tudo” (p. 43). Logo após este momento, senta num banquinho e emerge então “a profunda ausência, o profundo apartar-se de si mesma” (p. 43). Ou seja, as esperanças que outrora teve de estar com os seus e de voltar para casa são, agora, substituídas pelo efeito catártico a qual Fanon (2020) se refere, de que o negro, na extensão colonial, está, ainda, preso na máscara branca colonial ocidental, neste caso, psicológica.

Acerca da realidade de negros no contexto pós-libertação, Hall (2023) salienta que assim como o contexto de colonização, o contexto pós-abolição é representado como um novo contexto, o neocolonial. Como representado pela situação dos moradores da Vila Vicêncio, este novo contexto descrito pelo sociólogo, econômico e social, não abria muitas possibilidades para uma legitimação plena de liberdade. Pelo contrário, devido Conceição Evaristo apresentar, por exemplo, empregos insalubres e educação frágil aos moradores locais, como o pai de Ponciá que “sabia ler todas as letras do alfabeto de cor e salteado [...] não conseguia, porém, formar sílabas e muito menos palavras” (p. 16), fica esclarecido, que assim como analisado pelo estado doentio do avô, este novo contexto também fomentava novas amarras e impossibilidades de viver plenamente a liberdade de negros escravizados, pois eram limitados em seus direitos.

Por ter vivido o contexto colonial e não o suportado, Vô Vicêncio acaba matando a esposa e, por este motivo, teve o braço decapitado como castigo, que o levou a um estado de loucura. Resultado disso, vivia a sorrir e a chorar. Já em sua fase idosa e agora liberto, o pai de Ponciá e filho de Vô Vicêncio, não conseguia o perdoar pela morte da mãe, tendo considerado até o matar. Contudo, este, certo dia, “teve uma crise de choro e riso tão profunda, tão feliz, tão amarga e desse jeito adentrou-se no outro mundo” (Evaristo, 2021, p. 15).

A ancestralidade, cunhada na figura do avô, é um papel fundamental para compreender o problema da extensão colonial no cenário de pós-abolição. Stuart Hall (2023) acrescenta ainda que as sociedades pós-coloniais são caracterizadas “pela independência do controle colonial direto [...] pelo crescimento do capital local e suas relações de dependência neocolonial com o mundo desenvolvido capitalista” (p. 102). Ou seja, não somente o avô, como também o pai, o irmão, a mãe, a filha e todos os moradores da Vila representam a extensão da realidade de colonização na sociedade pós-colonial, uma vez assim como o pai e o irmão que passavam a maioria do tempo na fazenda, esta realidade parece se estender a todos os moradores do local. A liberdade, à vista disso, parece ser algo que sofre controvérsias.

O pai de Ponciá, certo dia, falece na fazenda a qual trabalhava e isto parece catalisar o seu desejo de mudar a sua história. Parte para a cidade na tentativa de obter sucesso e voltar para buscar sua mãe e irmão quando obtê-lo. Achava que, pelo fato de ter aprendido a ler com os padres sacerdotes, conseguiria um bom emprego e teria um destino diferente. Isso devido ao fato de o pai, por exemplo, ter sido escravizado pelo “sinhô-moço” (Evaristo, p. 17), filho de seu antigo coronel, e, por isso, ser



submetido a castigos hediondos, como deixar que o “coronelzinho[...] mijasse dentro da sua boca” (p.16).

Mesmo tendo sido um homem livre posteriormente, não vivia distante de sua antiga realidade colonial, já que passava a maior parte do tempo nas terras dos homens brancos para garantir a moradia, sustento da família e tendo que dividir a sua colheita particular com o coronel. Ponciá, entretanto, almejava um futuro diferente daquele e iria consegui-lo na cidade.

Após chegar na cidade, passa a noite junto a outros mendigos na frente de uma igreja e só no dia seguinte consegue uma vaga de emprego como funcionária doméstica. Por estar trabalhando, agora, consegue comprar um barraco no subúrbio e volta à Vila na esperança de encontrar seu irmão e sua mãe. Contudo, ambos não residem mais no lugar. Luandí, seu irmão mais novo, também partiu para a cidade na esperança de uma vida melhor, passando a trabalhar em uma delegacia e sua mãe, Maria Vicêncio, vivia a andar pelas outras vilas na tentativa de os encontrar.

Com a viagem malsucedida, Ponciá se encontra em um estado depressivo devido às várias partidas dos seus e aos diversos espancamentos por parte de seu marido, principalmente por não entender a sua condição. No trecho que se segue, o marido utiliza a violência como uma tentativa de impulsioná-la para a realidade.

Ao ver a mulher tão alheia teve desejos de trazê-la ao mundo à força. Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela devolveu com um olhar de ódio. Pensou em sair dali ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar homem. Levantou, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar a janta (Evaristo, 2021, p. 19).

Este, não entende o seu estado, e por este motivo, usou a violência como uma tentativa de trazê-la de volta. E para tratar do início da condição depressiva acima, a autora utilizou o termo *alheia*¹, que vem do latim *alieno - are* e significa tornar-se indiferente a tudo, alienar-se, ou estar em perturbação intensa. Ponciá, portanto, parece viver a experiência transcendental proposta por Tatossian (2006), já que se encontra indiferente ao externo e vazia de afetividade.

O vazio descrito pela autora tem início no sobrenome Vicêncio, devido ao fato de todos os escravizados tê-lo recebido em homenagem ao Coronel Vicêncio, senhor que concedeu terras aos povos da vila. Para alguns moradores, “parecia um pai, um senhor Deus” (Evaristo, 2021, p. 42). Ponciá, entretanto, preferia ser chamada de “nada” (p.19) a ter este sobrenome, isto porque a extensão do nome aos moradores é uma arma ideológica para incutir no negro a marca colonial discursiva de pertencimento ao homem branco.

Problemática em várias categorias, a racionalidade europeia deixa vazios não somente no reconhecimento do Outro, como também na intersubjetividade – como a sensação de vazio da

¹ Disponível em < <https://dicionario.priberam.org/alheia> >. Acesso em 16 de dezembro de 2024.



personagem ao não sentir apego ao seu sobrenome e conseqüentemente a perda de suas raízes ancestrais – já que somos preenchidos por ela devido às construções discursivas, também denominadas interdiscursos, que vivem dispersos na memória do sujeito e são ativadas mediante a construção de outros discursos dispersos em nossa memória. Portanto, somos construídos por ela e diante dela.

Parece, pois, demonstrável que a construção de conhecimento europeu fomentou uma fenomenologia mórbida entre sujeito (europeu) e o algo (o colonizado). Pensar o corpo do outro nesta relação nos permite, a este modo, olhar para o corpo do melancólico como portador desta carga. Para Tatossian (2006), “na melancolia, a relação dialética entre função de suporte e carga é destruída e o corpo melancólico não é mais do que carga e peso insuportável” (p. 79). Nesse sentido, o sujeito adoecido é atingido não somente na zona psicológica, como também na corpórea do Ser.

A herança que o avô deixou para ela corresponde não somente em evocar a marca de um passado diaspórico e sem rastros (como o sentimento de perda de seu verdadeiro nome), tal como a realidade capitalista pós-colonial para negros. O que ocorre é que, com a introdução de um novo sistema, que teria como finalidade superar o colonial, houve apenas um velamento de condições tão ou quase precárias quanto do escravocrata.

Fanon (2020) dialoga com esta colocação, ao esclarecer que há um “fenômeno psicológico em acreditar numa abertura do mundo na medida em que as fronteiras se rompem” (p. 36). No caso de Ponciá, o desvio existencial se instaura no momento em que parte para a cidade, já que não se encontrou um terreno fértil para o desenvolvimento de sua depressão quando residia na Vila com sua família, conforme aponta o trecho abaixo.

E agora, ali deitada de olhos arregalados, penetrados no nada, perguntava se valera a pena ter deixado a sua terra. O que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia (Evaristo, 2021, p. 30).

É após a partida para a cidade que a herança começa a se consolidar, ou, nas palavras de Fanon (2020), Ponciá começa a se “anormalizar”. A ideia de anormalização, aqui, é compreendida no sentido externo, mas também interno do sujeito, devido ao fato de viver feito “morta-viva”, já que “não tinha coragem para morrer ainda” (Evaristo, 2021, p. 30). Verifica-se que aqui já ocorre uma perda de Si e Ponciá começa a se aprofundar na figura de um sujeito depressivo, pois tem momentos de deslocamento da realidade e se mantém apática.

A falta de cheiro ou gosto nos alimentos é outro elemento que aponta para o quadro depressivo da personagem: “[...] da panela subia cheiro algum. O alimento descia incorreto, torto, seco, provocando uma tosse entre uma colherada e outra” (p. 23). Os autores (Méndez; Olivares; Ros 2005), como destacado no capítulo acima, são assertivos ao esclarecer que a falta de olfato e paladar são



resultados dos efeitos físicos causados pelo quadro depressivo. Logo, com a perda destes sentidos, fica claro que o estado melancólico está se aprofundando.

A condição de Ponciá reflete a situação pós-colonial na metrópole e a condição de escravizados diante de uma situação psicológica pós-colonial neurótica, ou o que Stuart Hall (2023) chamou de “relações de dependência neocolonial com o mundo desenvolvido capitalista (p. 102). Ou seja, encontra-se uma monopolização do poder econômico, cultural e implicações sobre a condição psicoexistencial do Outro. O casamento malsucedido, portanto, é um agravante ainda mais prejudicial para o seu estado.

Já com o quadro depressivo avançado, o tempo aparece não linear e de forma desordenada, pois se Ponciá, outrora, almejava um futuro melhor e diferente de sua família, agora, no presente, não consegue mobilizar-se para alcançá-lo, já que os impulsos do seu inconsciente, os quais são radicados na figura colonial do avô, não a permitem ver uma realidade diferente para aqueles que partiram para a metrópole. Assim, “pouco a pouco [...] se adentrava num mundo só seu, em que o outro, cá de fora, por mais que gostasse dela, encontrava uma intransponível porta” (p. 93).

Se a forma que o seu marido encontrou de lidar com a sua condição foi agredindo-a, mesmo que ainda gostasse da esposa, como descrito acima, com o agravamento de seu estado depressivo, não sobraria espaço para lidar com este Outro, já que penetrava em um mundo diferente do seu. Se, para Cardinalli (2012), a existência do passado é algo que impede a projeção do futuro de Ponciá, é o seu caráter neurótico depressivo que impõe apreensões e visões negativas sobre o mundo exterior.

Já completamente absorvida pela sua nova condição, decide sair para encontrar a sua família e o seu marido não a impede. O seu irmão, que também havia saído para tentar um futuro melhor na cidade, foi acolhido em uma delegacia e, com a ajuda do soldado Nestor, que o encontrou na estação desorientado durante a sua chegada, recebeu ajuda e aprendeu a ler e a escrever. Contudo, se apaixona por Biliza, mulher da vida e que mantém relações com um cafetão. Acaba sendo morta, e por isso, Luandi, não vê mais sentido na vida. É somente após se reencontrar com a mãe e receber o título de soldado que experimenta novamente o gosto de viver.

O reencontro acontece na estação. Já no seu primeiro dia de posto, Luandi encontra a irmã e, mesmo ela não o reconhecendo, lhe mostra a pequena estátua desenhada do avô e pergunta se ele o conhece. O marido de Ponciá, que a observava de longe, não se permite apresentar-se e mantém uma certa distância, os observando silenciosamente. A mãe, que já havia encontrado o filho, agora reencontra Ponciá já absorvida em um estado depressivo. Compreende que é o momento de retornarem e os três passaram novamente a viver na vila. Desta forma,



[...] do tempo lembrado e esquecido de Ponciá Vicêncio, uma imagem se presentificava pela força mesma de seu vestígio, Vô Vicêncio. Lá fora, no céu de arco-íris, um enorme angorô multicolorido se diluía lentamente, enquanto Ponciá Vicêncio, elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não haveria de se perder jamais, se guardaria nas águas do rio. (Evaristo, 2021, p. 111).

No parágrafo acima, a presença do avô Vicêncio representa o legado do passado colonial que não pode ser ignorado, pois continua a se manifestar na vida de Ponciá. Como destaca Fanon (2020), é um “homem liberto do trampolim constituído pela resistência alheia, escavando a própria carne” (p. 23). Em outras palavras, para o sujeito que viveu a era pós-colonial, há uma constante busca para entender a si mesmo e, conseqüentemente, para agir em relação aos novos tempos, que ainda permanecem nebulosos e desafiadores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerar narrativas como *Ponciá Vicêncio* (2021), que exploram a zona psicológica adoecida de sujeitos que experienciaram o contato colonial, implica o reconhecimento de uma realidade distinta, enraizada nos estudos pós-coloniais, especialmente no que se refere à dimensão psicológica, conforme discutido em particular por Frantz Fanon (2020). As obras que emergem desse campo não apenas desconstroem discursos coloniais hegemônicos, mas também reconstroem identidades marginalizadas, oferecendo novos espaços de pertencimento e expressão. A obra de Conceição Evaristo exemplifica essa proposta ao promover uma reflexão tanto física quanto psicológica sobre o legado colonial. Para Fanon, a civilização europeia impôs ao negro um desvio psicoexistencial, e, da mesma forma, Conceição Evaristo apresenta uma personagem cuja depressão resulta da incapacidade de suportar a realidade imposta por esse legado.

Ponciá Vicêncio (2021) emerge como uma referência literária ao tratar da depressão de forma específica em sujeitos que experienciaram a diáspora e que, apesar da abolição, não se sentem verdadeiramente libertados. A narrativa de Ponciá é carregada de simbolismo e resignificação, mostrando como o corpo e a mente das personagens ainda estão marcados por feridas coloniais que transcendem o tempo histórico. A complexa manifestação do pós-abolicionismo na obra revela as persistentes marcas do colonialismo (Franke, 2023), evidenciando que o fim formal da escravidão não resultou em uma liberdade plena. Quando Ponciá deixa sua família em busca de uma vida melhor na cidade, ela se depara com a impossibilidade de alcançar essa realização enquanto o passado colonial ainda permanece presente. Essa migração, em vez de libertar, aprofunda as dores da personagem, revelando a continuidade de sistemas opressivos que perpetuam desigualdades e frustrações.

A depressão, portanto, na obra, simboliza o peso contínuo do colonialismo, que é transmitido pela herança deixada pelo avô de Ponciá. Esse legado, de caráter metafórico, ilustra que a colonização



não terminou com a Lei Áurea, já que os ex-escravizados ainda estavam aprisionados por estruturas políticas, econômicas e culturais que os relegavam às margens da sociedade.

Essa herança, carregada de dor e exclusão, é um lembrete constante de que o processo de descolonização não pode ser reduzido a mudanças jurídicas ou políticas, mas exige uma transformação profunda nas mentalidades e nas estruturas sociais, como apresentado por Conceição Evaristo. Isto é, apenas a concessão de terras, empregos subcategorizados e educação informal não seria o suficiente para apagar o rastro do drama racial aos povos colonizados.

Nessa perspectiva, as narrativas periféricas como a de Conceição Evaristo cumprem o papel de dar visibilidade a essas vivências silenciadas, convidando o leitor a um mergulho na psique dos sujeitos racializados e marginalizados. Elas reafirmam a necessidade de repensar o papel da literatura como um espaço de luta e resistência, onde as vozes historicamente apagadas podem se projetar com força e autenticidade. A obra de Evaristo, nesse sentido, não apenas denuncia as consequências do colonialismo, mas também aponta para caminhos de cura, memória e reconstrução identitária. É nesse contexto que a literatura periférica se posiciona como uma ferramenta essencial para descolonizar saberes, provocar reflexões críticas e engajar leitores em processos de transformação social.

Ao abordar as cicatrizes deixadas pelo colonialismo e a necessidade de superação de estruturas excludentes, narrativas como Ponciá Vicêncio tornam-se indispensáveis para a compreensão das complexas dinâmicas de poder, pertencimento e resistência que ainda configuram a sociedade contemporânea.



REFERÊNCIAS

- CARDINALLI, Ida Elizabeth. **Daseinsanalyse e Esquizofrenia: um estudo da obra de Medard Boss**. São Paulo: Escuta, 2012.
- CERVANTES, Saavedra, Miguel de. **Dom Quixote**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- CESAIRE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DIONÍSIO, Dejair. **Literatura afro em construção: a perspectiva da ancestralidade bantu em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo**. Dissertação (Mestrado em Literatura), UEL, 2024.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2021.
- FANON, Frantz. **Pele negras, Máscaras Brancas**. São Paulo: UBU Editora, 2020.
- FAUSTINO, Davison Mendes. Sartre, Fanon e a dialética da negritude: diálogos abertos e ainda pertinentes. **Revista Entreletras**. Araguaína, v. 11, n. 2, p. 74-71, ago, 2020.
- FRANKE, Rosiane Maria Gusberti. **Desumanização e resistência na obra Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo**. Dissertação (Mestrado em Letras), UNILA, 2023.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2023.
- NERY FERREIRA, Yvonélio, and Daiana Nascimento dos Santos. "Ausências, fragmentos e silêncios em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo e el libro de Emma, de Marie-Célie Agnant." **Revista Iberoamericana** 87.276 (2021): 893-912.
- MÉNDEZ, F. X.; OLIVARES, J.; & ROS, M. C. Características clínicas e tratamento da depressão na infância e adolescência. In V. E. Caballo & M. A. Simón. **Manual de Psicologia Clínica Infantil e do Adolescente: Transtornos gerais** (pp.139-185). São Paulo, 2005.
- PEREIRA, J.C.M. 2024. Desmundo e Ponciá Vicêncio, mulheres brasileiras em debate. **Revista Diálogos**. 12, 2 (dez. 2024), 45–59.
- SANTOS, N. S. A. **Brazilian Science Fiction and the Colonial Legacy**. São Luís: Edufma, 2014.
- TATOSSIAN, Arthur. **A fenomenologia das psicoses**. São Paulo: Escuta, 2006.
- REIS, Maria Firmina. A escrava. In: **Úrsula e Outras Obras**. Brasília: Edições Câmara, 2019.

